

ensaio visual



D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL: NOTA SOBRE AS OBRAS DO ARTISTA NO ACERVO UFG Divino Sobral¹

O Ensaio Visual da *Revista UFG* enfatiza a importância que o desenho teve no desenvolvimento da obra do artista plástico D. J. Oliveira (Bragança Paulista/ 1932 – Goiânia/ 2005) no momento em que o Acervo UFG recebe de sua filha, Valéria de Jesus Oliveira, em doação plena, o amplo conjunto de trabalhos sobre papel, composto por desenhos, estudos, projetos, esboços, croquis, xilogravuras, calcografias, antigas matrizes de serigrafia, imagens de segunda geração, executadas em forma de anotações de ideias plásticas e que registraram a alma e o escopo do artista em seu percurso no tempo, documentos sobre os quais se manifestaram o repertório estético e as articulações simbólicas criadas durante seus cinquenta anos de carreira.

Fardos com centenas de papéis foram coletados pelo Professor Carlos Sena Passos, Diretor do Centro Cultural UFG, acompanhado da Professora Vera Regina Barbuy Wilhelm, do Curso de Museologia da UFG, e transferidos para o Acervo UFG, sediado no CCUFG, onde por meio de diversos projetos irão receber tratamentos de classificação, assepsia, acondicionamento e catalogação, entre outros. O acervo foi enriquecido com a vinda desse importante patrimônio e o CCUFG assumiu a obrigação de preservá-lo para disponibilizá-lo à pesquisa acadêmica e à apreciação do público.

¹ Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Goiás. Curador da exposição "A arte e os ofícios de D. J. Oliveira".

A escolha das obras foi realizada por mim e por Carlos Sena Passos, que também fez a edição das imagens que integram o ensaio visual aqui exibido. A seleção apresenta um pequeno recorte feito no amplo material encontrado em apenas um único fardo de papéis aberto para exame. Procuramos, nesta seleção, primeiramente elementos que exprimissem fundamentos da poética do artista. Assim, a escolha recaiu sobre um tema muito utilizado por ele em diversas épocas de sua vida e nas várias linguagens que trabalhou: o medievalismo, um dos eixos do imaginário e da temporalidade da obra de D. J. Oliveira.

Na obra do artista existe um tempo interno em permanente movimento, que vai do presente em direção ao passado para novamente retornar ao presente. Processos de sincronia e anacronia em vias de mão dupla, que traduzem o olhar de quem se considerava “um artista medieval do Século XX”. Tanto a sua identificação com Dom Quixote, herói representante de um conflito entre duas épocas, quanto a recuperação do patrimônio histórico da arquitetura vernacular goiana, são maneiras de D. J. Oliveira se voltar ao passado e, como artista moderno, flexionar a temporalidade de seu trabalho.

Através dos desenhos podemos ver que a obra narrativa, figurativa e expressionista, de D. J. Oliveira foi preenchida por informações extraídas da história da arte que ele apreciava, da literatura que ele lia, das experiências com o teatro e com o circo que ele vivenciou, dos resgates do patrimônio histórico e vernacular que realizava. As muitas camadas de referências e as muitas leituras não podem ser excluídas umas das outras, pois se encontram em permanente câmbio, em contínuo processar por meio das elaborações iconográficas de seu

repertório no desenho. Suas soluções foram pensadas no campo do papel para depois serem aplicadas nos suportes com as técnicas e operações formais de cada categoria: pintura, gravura e mural. Na obra de D. J. Oliveira as categorias estavam hierarquizadas conforme a tradição: o desenho sem autonomia serviu ao estudo de seu repertório e das composições; a gravura ganhou destaque nas suas pesquisas, mas mercadologicamente, pela qualidade de múltiplo, não gozava de muito prestígio; a pintura por ser objeto único foi sempre a linguagem assimilada pela maior parte do público e do mercado; sua grande arte foi o mural, meio para complexas obras dispostas na cidade.

A poética medieval de D. J. Oliveira foi bastante influenciada pela literatura. A leitura de romances clássicos da chamada “literatura universal” inspiraram o artista a criar cenas plásticas, com predomínio da linguagem expressionista. Seu interesse se voltou às grandes narrativas humanistas que lhe forneceram muitas imagens: especialmente as fantásticas interpretações e distorções da realidade do *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616). Entre as referências do universo plástico de D. J. Oliveira encontram-se também as figuras que remetem à dramaturgia da *Commedia dell’Arte*. O medievalismo de sabores popular e erudito liga sua poética à estética Armorial conceituada por Ariano Suassuna (1927). Temas, assuntos e imagens extraídos destes repertórios motivaram diferentes séries de trabalhos que D. J. Oliveira desenvolveu ao longo das cinco décadas em que produziu.

Enquanto a sua auto-identificação com o esquálido Dom Quixote mostra o artista como herdeiro de um imaginário espanhol, minuciosamente estudado durante o período em que residiu em Madrid, entre 1968 e 1970, a teatralidade manifestou-se como herança das experiências com cenografia na TV Tupi em São Paulo e, sobretudo, no Teatro Emergência,

dirigido por João Bênnio (1907-1984) em Goiânia, no início dos anos 1960. A memória circense advém da experiência como acrobata de circo, que teve quando adolescente. Disto tudo decorre que o espaço de D.J. Oliveira pode ser qualificado como cenográfico e teatralizado.

A seleção de desenhos destaca esta teatralidade das cenas e a influência dos personagens medievais, sobretudo de Dom Quixote; na iconografia do artista. D.J. Oliveira e Dom Quixote se fundem. O cavaleiro o acompanhou até o fim. Os músicos e os saltimbancos do circo também.

Em 1967 D.J. Oliveira lançou seu primeiro álbum de gravuras, constituído pelo conjunto de xilogravuras com temas extraídos da Literatura: Dom Quixote esteve presente entre os muitos personagens representados. De 1973 data seu terceiro álbum de gravuras, que recuperou o tema de Dom Quixote. Seu sétimo álbum, lançado em 1985, ampliou o repertório de imagens sobre o cavaleiro andante. Em 1990 lançou seu nono álbum de gravuras com técnica água-forte, e como tema revisitou novamente Dom Quixote e representou ainda os personagens do circo.

Os personagens de Cervantes, o enlouquecido Dom Quixote, o escudeiro Sancho Pança, a bela Dulcineia e o cavalo Rocinante, trouxeram à obra de D.J. Oliveira a possibilidade de realizar mergulhos no imaginário medieval. Dom Quixote viveu no limite da fantasia e da alucinação defendendo valores extraídos dos romances de cavalaria e em deterioração com o avanço do Renascimento; personagem de um mundo em transição, permitiu a aplicação de recursos estéticos de cunho expressionista, tais como a deformação, a teatralidade em associação com o grotesco e o burlesco, e a manutenção de um constante conflito entre passado e presente, tão ao gosto das operações de D. J. Oliveira.

No desenho a guache reproduzido na capa desta *Revista UFG*, Dom Quixote adentra triunfante na Cidade de Goiás enquanto Dulcineia distraída trabalha na roca de fiar (esta imagem da fiandeira funcionou como ícone da mulher goiana na obra do artista); em desenhos do *Ensaio Visual*, Dom Quixote luta contra moinhos com cabeças que remetem às máscaras das cavalhadas de Pirenópolis, a dupla de cavaleiros com seus animais exaustos transitam pelo sertão goiano. Nesses exemplos vê-se a manobra de transpor o personagem medieval para os espaços míticos da identidade goiana.

Reproduzida na contra-capa desta edição, a obra “Dom Quixote na Ferrovia” (1981) é uma pintura que há muito pertence ao acervo da Universidade Federal de Goiás e foi escolhida para acompanhar o Ensaio Visual desta edição da *Revista UFG*, porque além de ser uma obra na qual D. J. Oliveira uniu dois de seus temas principais, é também uma obra que dialoga com os desenhos, gravuras e guaches selecionados para compor o Ensaio.

Enquanto os personagens medievais colocavam sua produção no terreno da fantasia, a paisagem de Goiânia instaurava um ponto de contato imediato com a realidade. Após a volta da Espanha, em 1970, a produção de D. J. Oliveira foi influenciada pela paisagem do Setor Ferroviário, onde foi residir. A ferrovia atravessando a periferia de Goiânia impactou a sensibilidade do artista que desenvolveu por mais de uma década obras marcadas por esta espacialidade peculiar. A ferrovia significava em 1952, ano de inauguração da Estação de Goiânia, o progresso e a abertura de fluxo para a Capital; contudo, a Estação foi desativada no início dos anos 1980. Ficou o trilho e seu entorno, na zona norte de Goiânia: terreno baldio ou habitado pelas camadas mais pobres da população.

O quadro representa Dom Quixote sobre os trilhos interrompidos, no limite do último dormente, subjugando com a espada a Sancho Pança, caído ao seu lado como se tivesse sido atingido na cabeça. Dom Quixote olha para a paisagem a sua frente, para os carris agora vazios e que outrora faziam o trilho avançar para a cidade, com poucas construções e aparentemente vazia. Ao colocar o personagem sobre o último dormente o artista comentou o final de um ciclo histórico que se deu com a desativação da ferrovia. Ou talvez, segundo sua visão, Dom Quixote perplexo com as transformações da modernidade, aguardava pelo dragão, simbolizado pela locomotiva da maria-fumaça, que não mais viria?

Fotografias dos desenhos da capa, dos desenhos das figuras 1ª e 16ª do ensaio visual e dos desenhos em PB do ensaio visual: Carlos Alberto Siqueira

Fotografias dos desenhos das figuras 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª: Paul Setúbal.



ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual . D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual . D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL





ensaio visual • D. J. OLIVEIRA E A POÉTICA MEDIEVAL

